

MARÇAL. Eis aí, senhores: o Museu do Bosque dos Jequitibás. Diário do Povo,
Campinas, 02 jul. 1957.

EIS AÍ, SENHORES: O Museu do Bosque dos Jequitibás

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE030935

Um patrimônio invejável, de cultura, de saber - Há necessidade de um apôio maior por parte da Prefeitura Municipal - Max Wunsche, seu criador e realizador - Dados estatísticos e informativos - O Bosque dos Jequitibás ainda é o melhor passeio para nós e para os visitantes - Entretanto, senhores, cuidemos dele



Fenômenos dos mais curiosos, despertam nossa tenção no Museu do Bosque. Inúmeros deles são doações de fazendeiros que contribuem para enriquecer o já grande rico patrimônio daquele Departamento Municipal



O rei das selvas, imóvel, entre outros animais, perfeito em toda a sua magestade é a atração máxima das crianças que visitam o Museu. Suas presas, garantem o título de rei que lhe deram

MARÇAL. Eis aí, senhores: o Museu do Bosque dos Jequitibás. Diário do Povo, Campinas, 02 jul. 1957.

Saibam, senhores, temos um bosque. Um pedaço grande de terra, repleto de árvores, de animais, tudo muito limpo, bem cuidado, onde o sossêgo desperta a alma para a poesia e para o devaneio. Cruzam-se caminhos onde tóda a exuberancia verde da selva civilizada solta silêncios selvagens. Há pontes, há um lago, há casais de namorados que cochicham, há policiamento (poderia haver muito mais, pois é necessário), há estudantes pelos bancos toscos decorando livros, mas há também muita coisa mais que a gente, senhores, vai descobrindo passo a passo, vai sentindo instante a instante. Mas isto depende de cada um. O mais importante, entretanto, senhores, é que no Bosque dos Jequitibás, há cultura ali representada por um Museu. Um Museu de Historia Natural. E' dele que eu lhes quero falar e, aproveitando o assunto, sugerir alguma coisa aos responsáveis por aquele recanto tão divulgado mas que, às vezes e em certas circunstâncias, fica esquecido. E tenho a certeza de que, é no Bosque dos Jequitibás que se pensa, quando se traça qualquer plano turístico para Campinas. Mas, vamos ao assunto senhores:—

O MUSEU

O prédio do museu de Historia Natural é antiquado e pequeno. Deveria ser maior, pois há outras peças necessárias e dignas de serem vistas, que estão no depósito por falta de espaço. E há terreno, o que falta é ter coragem, fechar os olhos para as finanças municipais, e ampliar um pouco aquilo. Inaugurado em 20 de maio de 1939, recebeu, até dezembro de 1956, abrindo-se às quintas, sábados, domingos e feriados, num total de ... 1.850.719 pessoas. Portanto, é muito visitado e eu pergunto porque não é aberto diariamente, pois diariamente há gente visitando o Bosque. Não custa nada deixar o Museu de portas abertas para os curiosos, para os ávidos de coisas pertencentes às selvas, às águas e ao passado. Seu criador e realizador e responsável até hoje, é um alemão de nome Max Wunsche, homem que entende do assunto como ninguém. Mas, dele falarei em seguida. Já se disse numa revista norte americana, que o nosso Museu é o mais perfeito com relação à Historia Natural. E poderia ser mais perfeito ainda, se lhe fossem destinadas mais verbas, para mais pesquisas, para mais viagens. Como exemplo posso dizer que na Fazenda Alemão, em Santa Maria (Rio Grande do Sul), existem fósseis de Dinossauros (especimens pré-históricas), de grande valor cultural, que já foram doados ao nosso Museu. Entretanto,

aguarda-se a verba necessária para a ida até aquela cidade do responsável por aquele Departamento Municipal, para exame e transporte daquelas peças. E, se não vir a verba, deixa-se de ter mais um valor representativo para o patrimônio de Historia Natural do Museu do Bosque dos Jequitibás. Os animais que lá estão expostos, foram recolhidos em São Paulo, Minas, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso ou foram doados por pessoas que ajudaram a construir aquele mostruário fabuloso.

Havia necessidade de uma viagem às selvas amazônicas do Pará e do Amazonas, para colher-se novos espécimens. Tal viagem já estava autorizada em anos anteriores, mas com a mudança de Secretários, de Prefeitos, ficou esquecida e não se sabe mais para quem se pede providências. Será que há verbas destinadas à pesquisas, buscas, compras, viagens, estudos, para o Museu do Bosque? Se há, não sei onde está sendo empregada. Se não, façam com que surjam logo, senhores, pois é necessário, para que aquilo que foi erguido com tanto amor e entusiasmo, não fique estagnado no que foi possível fazer até agora. Mas, vamos aos dados estatísticos: eis, abaixo, em números, as peças pertencentes ao Museu, das quais, muitas delas, estão no depósito por falta de espaço e longe dos olhos daqueles que por lá passam, despertados pela curiosidade:

Quadros confeccionados com penas de aves brasileiras	6
Filatella	11
Fotografias	22
Mumificação	350
Cerâmica	3
Quadros Aquarela	34
Palentologia	1
Paleozoologia	22
Zoologia	1605
Antropologia	43
Mineralogia	346
Botânica	83
Idumentária Pessoal	20
Manuscrito	1
Armas e fragmentos bélicos	19
Amostra de produtos	1
Objetos históricos diversos	93
TOTAL	2.660

No depósito, eu tive ocasião de ver uma liteira, uma zebra, um jacaré, quadros históricos, pertencentes pessoais ao Marquês de Tres Rios, uma coleção de moedas, uma coleção de armas antigas, u'a maquina de costura antiga, e dezenas de outras peças que ficam lá amontoadas por falta de espaço, e que poderiam ser aproveitadas para um Museu Histórico.

Bem senhores, eis aí, alguma coisa com relação ao Museu do Bosque dos Jequitibás. Nossas autoridades competentes, deveriam dar mais atenção aquilo. Ampliar as instalações, abrir diariamente, autorizar viagens, pesquisas, fazer crescer aquele acervo cultural. E a Comissão de Turismo, deveria se preocupar também, em divulgar, em mostrar-se interessada na valorização material e cultural do Museu. E as autoridades educacionais, os colégios, os Grupos Escolares, deveriam levar até lá, as crianças, os alunos, mostrar nossa fauna, nossas selvas, nosso passado, que os livros não retratam com tanto realismo. E os senhores que me lêem, quantos conhecem o Museu? Deixam um domingo somente para o Bosque e u'a manhã inteira somente para o Museu. Vale a pena, senhores. Mas, vamos falar de outro assunto: do criador e administrador do Museu do Bosque dos Jequitibás.

O ORQUIDÁRIO

Vamos sair do Museu, senhores, que deveria ser nosso único assunto e falarmos do Orquidário, que seria outra riqueza grande do Bos-

que, se não estivesse desprezado. Anteriormente, localizado bem em frente ao Museu, estava magnífico, com ricos exemplares. Atualmente, localizado num dos caminhos, proximidades do lago está pobre em espécimens. Soube que no governo do Dr. Perseu Leite de Barros, que foi um dos Prefeitos que mais atenção deu ao Bosque dos Jequitibás, haviam 2.800 exemplares do raro tipo "Laelia purpurata". Hoje, nem um mais exemplar existe. Ou morreram, por falta de cuidado, ou visitantes mal intencionados deles se apoderaram, por falta de policiamento, por estar longe dos olhos dos responsáveis. Torna-se necessário que o orquidário volte ao seu antigo lugar e ganhe mais atenção e mais responsabilidades.

A ENTRADA DO BOSQUE

Quando se sai do Bosque dos Jequitibás, senhores, depara-se com uma rua feia, horrível mesmo, esburacada, que confina com a selva do Bosque, com velho muro para separar a via pública daquele local. Por ser pouca a iluminação por lá, não deve ser muito interessante o ambiente que se forma, com o Bosque se abrindo para os transeuntes, com a terra que parece estrada do interior, sem cuidado, em pleno centro da cidade. Além do mais, senhores, causa mal impressão aos nossos visitantes, aquele pedaço que contrasta com o ambiente bonito do Bosque. Os senhores devem convir comigo que nossa Prefeitura deveria tomar uma providencia. Murar, calçar e iluminar um pouco mais. E, terminando, senhores, eis aí alguma coisa sobre nosso Bosque, nosso Museu, nosso orquidário, com algumas sugestões, que julgamos serão acatadas devidamente por quem de direito. Mas, campineiro que é campineiro, que amou as andorinhas, que se orgulha de ser conterrâneo de Carlos Gomes, venera, também, o Bosque dos Jequitibás. E' por isso que eu acredito em providencias. Afinal de contas, Campinas é Campinas...

UM CIENTISTA

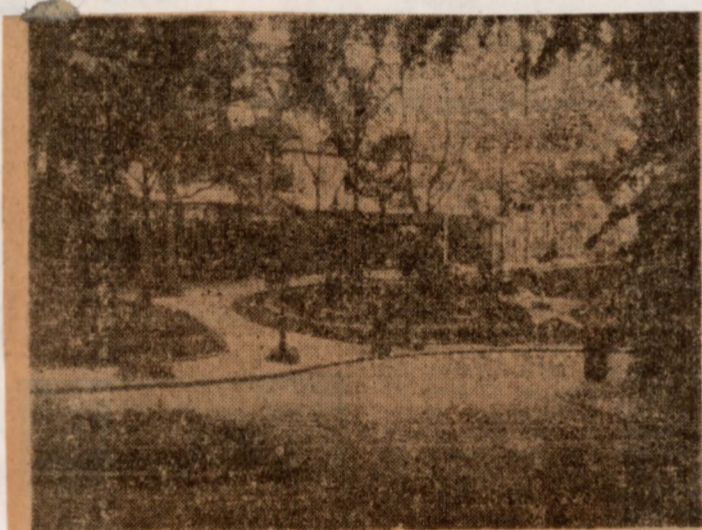
O alemão Max Wunsche, que criou, realizou e até hoje zela pelo Museu do Bosque dos Jequitibás é um cientista. Um cientista de valor que tem, pelo seu trabalho, um amor todo especial.



O senhor Max Wunsche, não é somente o responsável pelo Museu. E', mais do que tudo, um grande cientista que deveria ser melhor aproveitado.



A zebra que não está exposta ao público por falta de espaço! Juntamente com outras peças está no depósito. Senhores, vamos ampliar nosso museu?



E' uma delicia para os olhos a entrada do Bosque. Lindo ajardinamento, muita limpeza e muito silêncio. Convida o visitante ao devaneio

MARÇAL. Eis aí, senhores: o Museu do Bosque dos Jequitibás. Diário do Povo,
Campinas, 02 jul. 1957.

Desde há muito que mantinha correspondência com diversas entidades e autoridades do mundo inteiro, sobre o trabalho a que se dedica, procurando, com isto, aumentar seus conhecimentos e difundir o nosso Museu. Agora não escreve nem recebe mais cartas. Motivo: a correspondência está cara e não há verba para isto. E' taxidermista, entomologista, cientista, e seu pai, já falecido, foi um dos maiores entomólogos da Europa. Quando o visitei, estava desenhando as carretas para os dois canhões históricos (combate da Venda Grande) que ora estão expostos às intempéries. Foi ao Museu do Ipiranga copiar carretas lá existentes, modelos para o seu trabalho, viajou por conta própria e está confeccionando as bases para os canhões. Lamenta profundamente o estagnamento do Museu. Parou no que foi feito. De fato, ninguém mais tem se preocupado em ampliar aquele trabalho magnífico. Além de tudo isto, Max Wunsche, tem um dos maiores orquidários da América do Sul, com 140 mil plantas, localizado em Barão Geraldo. O Suplemento Agrícola do Estado de São Paulo, em edição de 26 último, em reportagem assinada por Jorge Bierrembach de Castro, fala do seu trabalho, da sua chácara onde passa horas e horas cuidando das orquídeas, criando novos espécimes, investigando, pesquisando, aprofundando-se cada vez mais nos estudos de orquídeas a que se dedica com amor e carinho. Para citar seu valor como cientista basta contar um fato: o Instituto de Pesca, de Santos, necessitava montar o esqueleto de uma baleia gigantesca (com 7 toneladas somente em ossos). Procurou as diversas autoridades no assunto, no Continente inteiro. Ninguém foi capaz do trabalho. Entretanto, consultado, conseguiu ele, em 22 dias, realizar o trabalho magnificamente bem. Valoriza seu trabalho, dizemos que a baleia em questão é tida como a maior do mundo. Está aí, senhores. Temos o início, temos meios, temos um cientista tido como autoridade e reconhecido como tal. Nos falta ação, senhores. Muita ação.



Senhores, olhem a rua que se vê do portão do Bosque. Feia, esburacada, escura, confiando com o mato, merecendo a atenção dos responsáveis. Olhem senhores. Olhem e
ajam



Nossa fauna está presente no Museu do Bosque, com todos os seus mais interessantes representantes. E' uma aula de zoologia perfeita. São instantes de cultura